

INICIANDO EM HEGEL PARA COMPREENDER A FENOMENOLOGIA E O EXISTENCIALISMO

[TO COMPREHEND THE FENOMENOLOGY AND THE EXISTENCIALISM FROM HEGEL]

*Alfredo de Oliveira Moraes **

RESUMO: O autor pretende fazer considerações sobre o sistema de Hegel que possam enfatizar sua importância para um bom diálogo com pensadores contemporâneos a ele e outros mais recentes, especialmente, pensadores da Fenomenologia e do Existencialismo, desde alguns pontos principais tais como essência, existência, fenômeno, morte e conceitos como Eu, Mundo, Finitude; do ponto de vista do autor o pensamento de Hegel pode contribuir para incrementar a Filosofia atual sobre essas questões e assuntos essenciais; de modo especial, o autor ainda defende uma nova leitura do texto hegeliano desde a perspectiva de uma Metafísica fundada numa base não-material. Para tal apoiou a tessitura do texto numa moldura de citações constantes e sistemáticas extraídas das obras do próprio Hegel.

PALAVRAS-CHAVE: Existencialismo, Eu, Metafísica de base não-material, Fenomenologia, physis.

ABSTRACT: The author intend to make considerations about Hegel's System that can to emphasize your importance for a dialogue with thinkers contemporary for him and others most recent; especially, phenomenological and existentialism thinkers, since some main points such as essence, existence, phenomenon, death and concepts like Me, world, finitude; From the author point of view the Hegel's thought can contribute to increase the actual Philosophy about theses essential matters and questions; in special way, the author still defend a new reading of the hegelian's text from the perspective of a Metaphysical founded in a non-material basis. For such, the author support the heart of the text in the frame of quotations constant and systematic retrieved from the Hegel's work.

KEYWORDS: Existentialism, Me, metaphysical non-material basis, phenomenology, physis.

INTRODUÇÃO

Em que sentido é possível justificar a pretensão que encerra este tema? Bem, segundo Merleau-Ponty:

"Hegel está na origem de tudo de importante que se tem feito na Filosofia desde há um século - por exemplo do marxismo, de Nietzsche, da fenomenologia e do existencialismo alemão, da psicanálise -, e inaugura a tentativa de exploração do

* *Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UFPE, Consultor para Ética e Relações Humanas, ex- Presidente da Sociedade Hegel Brasileira (www.hegelbrasil.org), autor entre outros d'A Metafísica do Conceito, EDIPUCRS, 2003. m@lto:alfredodeoliveiramoraes@gmail.com*

irracional e de sua incorporação a uma razão ampliada que segue sendo a tarefa do nosso século. Hegel é o inventor desta Razão mais compreensiva que o entendimento, desta Razão que, capaz de respeitar a variedade e a singularidade dos esquismos, dos métodos de pensamento, das civilizações e da contingência da história, não renuncia, no entanto, a dominá-los para conduzi-los a sua própria verdade. (...) Se não renunciarmos a esperança de uma verdade, mais além das tomadas de posição divergentes, e se, com o sentimento mais vivo da subjetividade, seguimos desejando um novo classicismo e uma civilização orgânica, não existe, na ordem da cultura, tarefa mais urgente do que a de retomar com sua origem hegeliana as doutrinas ingratas que tentam esquece-lo. Só assim, poderam encontrar uma linguagem comum e poderá fazer-se uma confrontação decisiva. Não é que Hegel seja a verdade que buscamos, senão justamente porque nesta única vida e nesta obra única encontramos todas as nossas oposições."¹

Nessa longa citação com qual iniciamos esta reflexão reside o porquê entendemos a necessidade de uma iniciação em Hegel, pois, tanto a familiaridade com o pensamento hegeliano e como a leitura dos pensadores a ele posteriores nos fazem partilhar com Merleau-Ponty do mesmo olhar; o sistema filosófico de Hegel tem sido por vezes descrito como um círculo de círculos, um pantragismo e um panlogismo, de modo que numa iniciação é importante percorrer alguns de seus momentos e figuras, ao invés de se ater a uma tentativa de explicitação de "palavras-chaves" na busca de conceitos prontos, pois aí Hegel apenas nos mostraria sua face de esfinge.

Daí, tentaremos como estratégia, percorrer o seguinte périplo: a partir da polêmica de Hegel com Kant compreender o que significa reduzir o mundo ao fenômeno, para em seguida caminharmos na dialética que imbrinca Eu, Consciência e Intencionalidade. Na perspectiva da Razão ampliada de que fala Merleau-Ponty trataremos das relações do homem, seja como corpo-intransparência, comportamento-transparência e Ser do Outro-aparência. E finalmente, a questão da morte como possibilidade e senhor absoluto ante a existência humana, suas implicações na trajetória do homem em sua busca de ser-si-mesmo. Com efeito, portanto, não visamos apresentar as soluções de Hegel (se é que elas existem), mas suas inquietações ou as inquietações que a sua leitura nos provoca.

FENOMENOLOGIA E EXISTENCIALISMO EM HEGEL

O homem é seu ato, é a série de seus atos, é aquilo para o que se tem feito. G. W. F. Hegel

O Sistema Filosófico de Hegel tem sido objeto de inúmeras incompreensões, no decorrer da História da Filosofia, algumas facilmente atribuíveis à época em que foram expostas. Exemplo disto é uma das aversões ao seu sistema, atribuída duplamente a Nietzsche e Kierkegaard por conta do termo Sistema, para esses dois importantes filósofos "sistema" era sinônimo de algo fechado, tautologicamente centrado sobre si mesmo; não podemos culpá-los, pois, somente em nosso século, com o auxílio da Cibernética é que se pode compreender o sentido e o tipo de sistema que se apresenta no implícito hegeliano. Esta nova ciência nos explica que há dois tipos de "sistema": um fechado ou entrópico e outro aberto ou neguentrópico.

Se compreendemos bem o "Sistema" hegeliano, trata-se de um sistema que se alimenta de entropia negativa, pois na sua dialética Hegel expressa que o "verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que se implementa através de seu desenvolvimento."² E mais, "a proposição deve exprimir o que é o verdadeiro: mas essencialmente, o verdadeiro é o sujeito: e como tal é somente o movimento dialético, esse caminhar que a si mesmo produz, que avança e que retorna a si."³

Ora, é esse todo inconcluso, que é um processo infinito de implementar-se, esse movimento que se extrusa e permanece em si, que é um produzir a si mesmo num jogo perene de alteridades polimorfos, esse sujeito que é a substância de si mesmo e do mundo, ao mesmo tempo em que é presença evanescente do infinito na finitude, que assegura a neguentropia do sistema hegeliano.

Por isso já no 2º parágrafo da sua *Fenomenologia do Espírito*, Hegel se pôs a explicar o processo dialético:

"O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. É essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo. Mas a contradição de um sistema filosófico não costuma conceber-se desse modo; além disso, a

consciência que apreende essa contradição não sabe geralmente libertá-la - ou mantê-la livre - de sua unilateralidade; nem sabe reconhecer no que aparece sob a forma de luta e contradição contra si mesmo, momentos mutuamente necessários."⁴

Dessa forma se resolve para Hegel a questão da dialética, negando definitivamente toda e qualquer tentativa de redução aos 'esquemas' triádicos da famigerada e difundida expressão: tese, antítese e síntese. Decididamente a dialética hegeliana é a da simultaneidade, do suprassumir que opera o negar, o conservar e o elevar ao mesmo tempo.

Mas como surge para a Filosofia a questão da Fenomenologia? A necessidade de uma compreensão fenomenológica do mundo surge para Hegel a partir de uma questão da teoria do conhecimento deixada por I. Kant. Querendo resolver a contradição entre o Racionalismo e o Empirismo, quanto a possibilidade do conhecimento, Kant propõe que há verdades a priori, que são as verdades da Razão, verdades a posteriori que são as verdades dos fatos e verdades sintéticas a priori, que são as verdades que tendo sua origem empírica se transformam em verdades racionais pela aceitação universal. Ao encontrar esta solução Kant se depara com a questão de saber se era possível conhecer efetivamente a coisa-em-si, ou seja, admitindo a premissa do conhecimento empírico como verdadeira, qual a garantia que se tem de que o saber sobre um objeto corresponde a verdade desse objeto, ou em outras palavras, uma vez que não posso nem penetrar no objeto nem tê-lo como tal dentro de mim, como posso eu ter certeza se o que sei do objeto corresponde ao objeto tal como é em si?

Assim, Kant afirma que a coisa-em-si ou ao nômene não se tem acesso, pois todo conhecimento que temos vem da coisa-para-nós ou da manifestação da coisa, ou seja, do fenômeno ($\varphi\alpha\iota$ + $\nu\omicron\mu\epsilon\nu\omicron\nu$). A isto Hegel objeta, argumentando que se a coisa-em-si é inacessível, e se tudo que sabemos da coisa é a manifestação dela para nós, então todo o real efetivo não passa de manifestação; e em sendo assim, não há porque ocupar-se de uma possível coisa-em-si.

Em palavras do próprio Hegel:

"O meio termo que encerra juntos os dois extremos - o entendimento e o interior - é o ser da força desenvolvido, que doravante é para o entendimento mesmo, um evanescente. Por isso se chama fenômeno; pois a aparência é o nome dado ao ser que imediatamente é em si mesmo um não-ser. Porém, não é

apenas um aparecer, mas sim fenômeno, uma totalidade do aparecer. Essa totalidade como totalidade ou universal é o que constitui o interior: o jogo de forças como sua reflexão sobre si mesmo.(...) Mas o interior, ou além supra-sensível, [já] surgiu: provém do fenômeno, e esse é sua mediação. Quer dizer: o fenômeno é sua essência, e de fato, sua implementação. O supra-sensível é o sensível e o percebido postos tais como são em verdade; pois a verdade do sensível e do percebido é serem fenômeno."⁵

Contudo, aqui novamente foi preciso mais de um século para que se pudesse compreender Hegel, isto se aceitarmos a formulação de Heidegger em seu *Ser e Tempo* é que se elucida, com o resgate etimológico, a questão:

"A expressão grega φαινόμενον, a que remonta o termo 'fenômeno', deriva do verbo δαίνεσθαι significa: mostrar-se e, por isso, φαινόμενον diz o que se mostra, o que se revela. Já em si mesmo, porém, δαίνεσθαι é a forma média de φαινω - trazer para a luz do dia, pôr no claro. φαινω pertence à raiz φω - como, por exemplo, φως, a luz, a claridade, isto é, o elemento, o meio, em que alguma coisa pode vir a se revelar e a se tornar visível em si mesma. Deve-se manter, portanto, como significado da expressão 'fenômeno' o que se revela, o que se mostra em si mesmo. Τα φαινόμενα, 'os fenômenos', constituem, pois, a totalidade do que está à luz do dia ou se pode pôr à luz, o que os gregos identificavam, algumas vezes, simplesmente com τα οντα (os entes), a totalidade de tudo que é. Ora, o ente pode-se mostrar por si mesmo de várias maneiras, segundo sua via e modo de acesso. Há até a possibilidade de o ente se mostrar como aquilo que, em si mesmo, ele não é."⁶

Quanto ao termo Logos, diz-nos ainda o mesmo Heidegger:

"...o conceito de λογος é polissêmico e, de tal modo, que os vários significados tendem a se dispersar, sem a orientação positiva de um sentido básico. (...) Quando dizemos que o significado básico de λόγος é discurso, esta tradução literal só terá valor completo quando se determinar o que é um discurso. (...) Aristóteles explicitou mais precisamente esta função do discurso, determinando-a como αποφαινεσθαι . O λογος deixa e faz ver (δαίνεσθαι) aquilo sobre o que se discorre e o faz para quem discorre (medium) e para todos aqueles que discursam uns com os outros."⁷

Dáí pode-se compreender, mais acertadamente, que "Fenomenologia diz, então: αποφαινεσθαι τα φαινόμενα - deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo."⁸

Ora, como encontramos no próprio Hegel, ao expor sua compreensão da realidade efetiva, a partir de sua peculiar perspectiva fenomenológica:

“A essência deve *aparecer*. Seu aparecer é nela o suprassumir de si mesma em direção da imediatez que como reflexão-sobre-si é tanto *consistência* (matéria) quanto é *forma*, reflexão-sobre-Outro, consistência que *se suprassume*. O aparecer é a determinação, mediante a qual a essência não é ser, mas essência; e o aparecer desenvolvido é o fenômeno. A essência, portanto, não está *atrás* ou *além* do *fenômeno*; mas, porque é essência que existe, a existência é fenômeno.⁹

Ou, dito de outro modo, o ser do fenômeno não se oculta no fenômeno de ser, o fenômeno não nega e tampouco tem fora de si a sua essência, antes, ele é unidade manifesta da essência e da existência; por conseguinte, a verdade do fenômeno é aparecer, sua essência somente se realiza na sua manifestação, sua essência é o seu manifestar-se.

Com efeito, quando Hegel batiza a primeira obra sua que traria a público de *Fenomenologia do Espírito*, colocava a um mesmo tempo duas questões: que se pode entender por **Fenomenologia** e que se quer dizer por **Espírito**?

O mundo é Fenômeno, eis porque Hegel escreve uma Fenomenologia do Espírito, mas resta ainda saber o que é Espírito?

“O espírito é o Si da consciência efetiva, à qual o espírito se contrapõe, - ou melhor, que se contrapõe a si mesma, - como mundo efetivo objetivo. Mas esse mundo perdeu também para o Si toda a significação de algo estranho, assim como o Si perdeu toda a significação de um ser-para-si separado do mundo, - fosse dependente ou independente dele. O espírito é a substância e a essência universal, igual a si mesma e permanente: o inabalável e irreduzível fundamento e ponto de partida do agir de todos, seu fim e sua meta, como [também] o Em-si pensado de toda a consciência-de-si”.

Essa substância é igualmente a obra universal que, mediante o agir de todos e de cada um, se engendra como sua unidade e igualdade, pois ela é o ser-para-si, o Si, o agir. Como substância, o espírito é igualdade-consigo-mesmo, justa e imutável; mas como ser-para-si, é a essência que se dissolveu, a essência bondosa que se sacrifica. Nela cada um executa sua própria obra, despedaça o ser universal e dele toma para si sua parte. Tal dissolução e singularização da essência é precisamente o momento do agir e do Si de todos. É o movimento e a

alma da substância, e a essência universal efetuada. Ora, justamente por isso - porque é o ser dissolvido no Si - não é a essência morta, mas a essência efetiva e viva."¹⁰

Portanto, a *Fenomenologia do Espírito* é a manifestação do homem na história, através da formação da consciência-de-si até vir a ser saber de si mesmo. Constitui, dessa forma, a primeira tentativa fenomenológica de apreender e expressar o homem, a partir de suas manifestações, ou se se prefere, de suas relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

O NOVO CONCEITO DE EU OU DIZENDO NÃO AO SOLIPSISMO

Agora, tentemos num esforço de simplificar sem distorcer, compreender a complexa dialética que imbrinca Eu, Consciência e Intencionalidade. Afirma Hegel:

"A consciência-de-si é retorno, a partir do objeto trazido para o sujeito para nele desaparecer: portanto, é desejo. E o objeto do desejo é o ser vivo, por ter estrutura homóloga à da consciência: é reflexo dela sobre si, a seu modo. Também a Vida, em sua torrente infinita, ultrapassa e dissolve todas as determinações e diferenças. Nada porém satisfaz a inquietude do desejo enquanto não encontra outro Eu - um objeto que de seu lado opere a mesma operação que o sujeito. Ali enfim se encontra, ou seja: se reconhece, pois um faz no outro o que faz em si mesmo; mais ainda: fazem uma operação comum, que constitui a ambos como consciência-de-si."¹¹

O que significa dizer que o indivíduo só se torna um Eu-pessoa quando é reconhecido por um Outro de si mesmo e reciprocamente o reconhece, ou seja, quando transforma o desejar o Outro num desejar o desejo do Outro. Como tão bem diz Caetano Veloso, em "Menino do Rio": "...Pois quando eu te vejo eu desejo o teu desejo."

Portanto, "a consciência tem primeiro na consciência-de-si, como no conceito do espírito, seu ponto-de-inflexão, a partir do qual se afasta da aparência colorida do aquém sensível, e da noite vazia do além supra-sensível, para entrar no dia espiritual da presença."¹² Ora, sendo o exterior somente o interior exteriorizado, é primeiramente no corpo que o homem se presentifica, para só então, dizer-se no seu agir, na obra.

"Ao todo exterior pertence, pois, não apenas o ser originário, o corpo congênito, mas igualmente sua formação; e essa pertence à atividade do interior. O corpo é a unidade do ser não-formado e do ser formado, e é a efetividade do indivíduo penetrada pelo ser-para-si."¹³

Nessa perspectiva coloca-se para nós um dos graves problemas do nosso tempo, dentro do conjunto a que se denominou de "a crise de paradigmas" que perpassa a Civilização Ocidental, o culto do corpo produzido pela sociedade de consumo tem sido traduzido em culto da alienação, na medida em que não se busca produzir o corpo como expressão de si mesmo, como um expressar do *Self*, mas o corpo como simulacro, como um mergulho na não-identidade dos modismos, promovendo a perda de si mesmo no modelo criado e difundido pela indústria cultural.

O corpo, então, deixa de ser o exterior que traduz a marca da personalidade, para ser corpo-intransparência, justificado por uma sociedade que vive sob a égide da razão instrumental e suas relações de uso, onde os sentimentos socialmente aceitos são aqueles que expressam quando muito o engajamento social, de classe; onde o sentimento do íntimo é algo de que se deve envergonhar, silenciar, tudo isso ainda mais se acirra agora, pois, afinal na web "*navegar é preciso, amar não é preciso*".

"Vejo-os como me vejo, e me vejo como os vejo."¹⁴ O meu agir no mundo é expressado no meu "comportar-se-com", no meu ser-com-o-outro. Na busca da relação de reciprocidade é a categoria comportamento-transparência que irá determinar a possibilidade de ver o Outro como a diferença constitutiva do *Self*, sem a qual se anula a possibilidade do ser-si-mesmo.

"O que se chama 'sinais-característicos essenciais' são determinidades em repouso: quando apreendidas e expressas assim, como simples, não apresentam o que constitui sua natureza, que é a de serem momentos evanescentes do movimento que se redobra sobre si mesmo."¹⁵ Assim, não é que queiramos estandarizar comportamentos ou fixar a personalidade como indicadora do *Self*, sabemos o homem como essa fluidez a procura de si mesmo, busca que é uma meta, no sentido expresso por Gilberto Gil, ao dizer que *uma meta existe para ser um alvo, mas quando o poeta diz meta pode estar querendo dizer o inatingível*.

“A consciência constitui o grau da reflexão ou da relação do

espírito: do espírito como fenômeno: o Eu é a relação infinita do espírito a si mesmo, mas como relação subjetiva, como certeza de si mesmo. A identidade imediata da alma natural é elevada a essa identidade ideal pura consigo; o conteúdo daquela é, para essa reflexão essente para si, objeto. A pura liberdade abstrata, por si, deixa sair sua determinidade, a vida natural da alma, para fora de si, como objeto tão livre quanto autônomo; e é desse objeto, como exterior a ele, que o Eu sabe, antes de mais nada; e assim é consciência. O Eu, enquanto é essa negatividade absoluta, é em si a identidade no ser-outro; o Eu é, ele mesmo, e pervade o objeto como objeto supramundo em si; é um dos lados da relação, e é a relação toda; a luz que manifesta a si mesma e ainda manifesta outra coisa.¹⁶

Destarte, é da *Fenomenologia* uma passagem que nos elucidada o parágrafo acima citado, no que diz respeito ao Eu:

“Chamemos conceito o movimento do saber, e objeto, o saber como unidade tranqüila ou como Eu; então vemos que o objeto corresponde ao conceito, não só para nós, mas para o próprio saber. Ou, de outra maneira: chamemos conceito o que o objeto é em-si, e objeto o que é como objeto ou para um Outro; então fica patente que o ser-em-si e o ser-para-um-Outro são o mesmo. Com efeito, o Em-si é a consciência, mas ela é igualmente aquilo para o qual é um Outro (o Em-si): é para a consciência que o Em-si do objeto e seu ser-para-um-Outro são o mesmo. O Eu é o conteúdo da relação, o relacionar-se e o relacionar-se a si mesmo; defronta um Outro e ao mesmo tempo o ultrapassa; e este Outro, para ele, é apenas ele próprio.”¹⁷

Eis um ponto, conforme o entendemos, dos mais relevantes na revolução galileiana operada pelo pensamento hegeliano, na sua compreensão do Eu Hegel despoja-o de toda a fixidez, o Eu emerge como fluidez e evanescência, como **relacionar-se consigo mesmo e com todo o outro**, tendo como fio condutor da sua identidade o **conteúdo** que se produz dessas múltiplas relações; ora, o próprio de uma relação é ser somente a partir daquilo que relaciona, mas lembremos que o que está em jogo aqui é o relacionar-se de totalidades dinâmicas de relações, sejam autocentradas ou não.

O Eu é o conceito vivo e que se mantém ao se recriar no ato de saber de si, ao ser este saber mesmo na efetividade dialética do instante. De modo que o Eu é idêntico ao próprio saber que é ser - em palavras de Hegel: *o Eu não é apenas o Si, mas é a igualdade do Si consigo; essa igualdade, porém, é a perfeita e imediata unidade consigo mesmo, ou seja, este sujeito é igualmente a substância.*¹⁸

Com efeito, não é sem razão que Hegel já havia assinalado que a

individualidade é o que é seu mundo como um mundo seu: é ela o círculo do seu agir; em que se apresentou como efetividade. É pura e simplesmente a unidade do ser enquanto dado e do ser enquanto construído".¹⁹ Por conseguinte, *mundo* aí deve ser entendido como totalidade dinâmica e fluente de significados, por isso mesmo já deveríamos ter abandonado o sonho quimérico não só da neutralidade do sujeito no ato de conhecimento, mas também de uma objetividade isenta do sujeito e de seu agir, para a partir daí instituir um novo paradigma, qual seja: o do homem como objeto de conhecimento para si mesmo.

É preciso, portanto, suprassumir a relação de coisidade com o Outro, para simultaneamente metamorfosear o Ser-do-Outro-Aparência em Ser-do-Outro-Revelação, de modo a privilegiar a autenticidade do expressar de cada um e permitir o experienciar do vivido do Outro em reciprocidade, assumindo o ser-com que caracteriza o homem como ser-de-existência.

Quando falamos sobre nós entes humanos, seja com respeito ao mundo ou a nós próprios, física e espiritualmente, é importante sempre ter presente em mente que nós estamos nos referindo a um sistema aberto, que se alimenta de entropia negativa. Assim, como o corpo físico para estar vivo depende de sua capacidade de absorção de alimentos pra seu organismo metabólico realizar a produção de energia necessária a sua manutenção; do mesmo modo, na dimensão espiritual a mente humana para estar viva necessita também de alimentar a si mesma com o não vivo, no caso, com a apreensão de informação significativamente qualitativa capaz de ser metamorfoseada para a produção de conhecimento.

Com efeito, no momento, nunca é demais reafirmar: *Ich ist der Inhalt der Beziehung und das Beziehen selbst*. (Hegel, *Phänomenologie des Geistes*, pp. 137, 138.) O Eu é o conteúdo da relação, o relacionar-se (com o mundo e com os outros) e o relacionar-se a si mesmo.

Em consequência, somos a cada instante uma multidão e, paradoxalmente, somos o singular – somos uma multiplicidade infinita: de realidades virtuais, de passado vivo, de futuro transfigurado em desejo de vir a ser; mas somos, especialmente, uma multiplicidade de relações multiformes de uma polissemia infinita, de onde cada um extrai o sentido ou fim ou meta de sua existência e, quando traduz a si

mesmo através de suas ações, torna-se o que é: uma pessoa singular, somente igual a si mesma. Mas, a alteridade aqui implica algo que ganha mais cores numa relação de intimidade, como escrevi num momento poético no passado: Quero ser teu como o perfume da flor/ que não deténs em tuas mãos/ mas que tu o sentes teu/ de um modo único que somente tu o sabes/ Num aspirar profundo/ Num inspirar único/ como única és/ Dizem: até as pedras se encontram,/ Na verdade, as pedras apenas se chocam/ Somente nós nos encontramos/ E nosso encontro aconteceu como tudo acontece/ Como acontece a vida, como acontece a morte./Não sei se viestes a mim ou se fui a ti,/ Só sei que fomos nós, somos nós/ E acontece que não sei mais acontecer sem ti.

UMA DIGRESSÃO METAFÍSICA

Tudo que temos dito somente ganhará sentido e alcançará a sua verdade de mudarmos a base metafísica atual da matéria para a relação, todos já sabemos desde a Ciência Física do início do século 20 que a realidade em seu interior não é constituída de matéria, mas de relações e não de relações entre coisas, mas de relações de relações. O grande mérito da proposição de Hegel sobre o Eu é compreendê-lo como conteúdo da relação e o relacionar-se com os outros e consigo mesmo, além disto por o Eu como substância absoluta, como base relacional para toda realidade. Talvez, este venha a ser o século de Hegel, como o século 20 foi o do formalismo kantiano.

Nessa Metafísica de base não material, de inspiração abusivamente hegeliana, uma vez que compreendamos que a Metafísica de Hegel, não pode ser reduzida à sua Lógica, e nem pode ser apreendida como se seus momentos: (Ciência da) Lógica, (Filosofia da) *Natureza* e (Filosofia do) *Espírito* – fossem apenas opostos que se superam, deixando cada um atrás de si o cadáver da figura precedente, na verdade, são momentos do movimento imanente do Ser na efetivação das determinações que o conduzem a plenitude do Si no conhecimento absoluto.

Com efeito, já o assinalamos em outro momento: O Logos é a translucência perpassada pela luz do ser que ilumina a opacidade da natureza, faz com que esse Proteu que ama ocultar-se comunique o seu ser e revele-se como o Ser na sua alteridade. Na Natureza, o Logos encontra sua realidade efetiva, assume a coisidade e se torna objeto

efetivo – o Logos é Natureza; o Logos nega-se ou determina-se a si mesmo na Natureza, enquanto outro de si mesmo, ao realizar-se na Natureza cobra dela o seu sentido, busca nela o conhecimento e desvenda o desdobrar-se do conceito de si mesmo nesse seu outro – a Natureza é Logos.

Não se trata, assim o entendemos, de discutir o fim da Metafísica, mas de pensar a Metafísica em outra base, numa que dê sentido e ao mesmo tempo ultrapasse as considerações de Einstein, Planck, Heisenberg e Bohm (para citar alguns), pois precisamos repensar os fundamentos da própria Física, quem sabe uma Metafísica de base relacional não seja mais adequada à apreensão da Physis que o pensamento que conduziu a Ciência até aqui (e como disse Einstein se mostra incapaz de nos tirar daqui) trouxe à luz?

De fato, parece que as bombas que caíram sobre o Japão no final da 2ª Guerra Mundial não foram o suficiente para nos acordar desse sono dogmático, e nos fazer ver a necessidade de ressignificar a physis, de finalmente nos fazer entender que não existe átomo e nem partícula, mesmo que mínima e infinitesimalmente sólida, pois tudo é um jogo de relações de forças (Gravidade, Eletromagnetismo, Força Fraca e Força Forte), sendo essas forças, por sua vez, apenas relações; tudo é relação e relação de relações, mesmo nosso Eu, já o assinalamos mais de uma vez, é apenas um sistema aberto autocentrado ou na formulação de Hegel: *Ich ist der Inhalt der Beziehung und das Beziehen selbst.*

UMAS POUCAS PALAVRAS SOBRE A MORTE

Resta-nos, ainda, antes de concluir, analisarmos uma das questões a que nos propusemos de início, ou seja, a questão da morte em Hegel. Tomemos inicialmente um dos sentidos atribuídos por Hegel à morte, nas Conferências de 1803-04, conforme citado por A. Kojève:

"Ao educar o filho, os pais operam nele a ubiqüidade de suas consciências já formadas e engendram sua morte. Na educação, a unidade inconsciente do filho se suprassume dialeticamente, articula-se em si mesma, vem a ser consciência formada ou educada; a consciência dos pais é a matéria a expensas da qual ela se forma ou educa. Os pais são para o filho um presentimento obscuro, desconhecido de si mesmo, eles suprassumem dialeticamente o ser-dentro-de-si simples-e-indiviso e comprimido do filho. Eles morrem nele; o que lhe

dão é sua própria consciência. A consciência é aqui o vir-a-ser de outra consciência nela, e os pais contemplam no vir-a-ser do filho sua própria suprassunção dialética."²⁰

Neste trecho podemos perceber a dialética de morte-eternidade, ou seja, a medida mesma em que os pais têm no filho sua morte ou negação, têm igualmente sua perenidade histórica, pois os filhos operam sua suprassunção e não sua supressão pura e simples.

O próprio Kojève, refletindo a partir de textos hegelianos, elucida uma outra forma de pensar a morte segundo Hegel:

"O desejo de reconhecimento é o desejo de um desejo, vale dizer, não de um ser dado (=natural), mas da presença da ausência de tal ser. Esse desejo transcende pois o dado natural, e na medida em que se realiza, cria um ser transnatural ou humano. Mas, o desejo não se realiza mais que na medida em que tenha maior potência que o ser dado natural, vale dizer, na medida em que se destrua. O ser que se destrói em função de um desejo de reconhecimento desaparece, é verdade, mas sua desapareição é a de um ser humano, é uma morte no sentido estrito do vocábulo. E essa destruição do animal é a criação do Homem. O Homem se destrói certamente em sua morte. Porém, enquanto essa morte dura, enquanto que vontade consciente do risco da vida, em vista do reconhecimento, o Homem se mantém na existência empírica como ser humano, vale dizer, transcendendo a Natureza com relação ao ser dado."²¹

Este é sem dúvida um dos significados mais ricos da compreensão hegeliana do fenômeno da morte, aquele que implica a morte no homem do ser natural, no momento em que se efetua a passagem da hominização à humanização.

Em conclusão, permitam-me voltar a Kojève, lembrando aquela inquietação de Vinicius de Moraes, quando se perguntava: *Como é, por exemplo, que dá pra entender a gente mal nasce e começa a morrer?*

"O Homem é o único ser no mundo que sabe que deve morrer, e pode dizer-se que ele é a consciência de sua morte: a existência verdadeiramente humana é uma consciência existente da morte ou uma morte consciente-de-si. Por ser a perfeição do homem a plenitude da consciência-de-si, e por ser ele essencialmente finito em seu próprio ser, a existência humana culmina na aceitação consciente da finitude. E a plena compreensão (discursiva) do sentido da morte é o que constitui essa sabedoria hegeliana que consuma a História e procura ao Homem a satisfação."²²

Evidente, que essa aceitação da finitude ou conhecimento da

própria morte não deve levar o homem a perda de si mesmo, ou seja, a uma atitude nihilista diante da Vida; antes, pelo contrário, essa certeza deve impelir à busca da intensidade no experienciar os momentos da existência. Pois como nos diz Hegel:

“A morte – se assim quisermos chamar essa inefetividade – é a coisa mais terrível; e sustar o que está morto requer a força máxima. (...) Porém não é a vida que se atemoriza ante a morte e se conserva intacta da devastação, mas é a vida que suporta a morte e nela se conserva, que é a vida do espírito.”²³ Inefetivo é tudo aquilo que não tem realidade efetiva ou ainda o que não constitui um essente na existência, com esse caracterizar assim a morte, Hegel nos expressa a certeza na vida do espírito e sua eternidade.

CONCLUINDO

A figura do pioneiro, no sentido de ser o primeiro a dizer ou fazer algo é sempre controversa, é mesmo muito fácil alguém encontrar traços que podem ser manipulados ou distorcidos para instituir outrem como o pioneiro de algo, daí que nos precavemos em apresentar Hegel como uma matrix do pensamento fenomenológico e existencial, pois sabemos o que é sempre evidente para quem vê, o que é visto em seu olhar.

Enfim, Hegel é rotulado de muitos modos (filósofo do trágico, do todo lógico, da reconciliação...), minha preferência é filósofo da Felicidade, por esta razão, gostaria de terminar trazendo uma palavra de Hegel sobre a paixão, para mim a mais alta razão para ser feliz e viver intensamente.

“... E se chamamos paixão ao interesse no qual a individualidade inteira se entrega – com esquecimento de todos os demais interesses múltiplos que tenha e possa ter – e se fixa no objeto com todas as forças de sua vontade, e concentra neste fim todos os seus apetites e energias, devemos dizer que nada de grande se tem realizado no mundo sem paixão.”²⁴

Bem, o que de maior temos a realizar neste mundo é, primeiramente, a nós próprios, deste modo a paixão como o modus no qual o amor vem à efetividade, por provocar um sentimento de êxtase, semelhante a experiência da verdade em que todos os membros estão ébrios, permite ao ente humano vivenciar o paradoxo de reconhecer a si

mesmo no outro e ao mesmo tempo apreender nele a diferença no seu si mesmo na reciprocidade do olhar. Essa diferença que o outro afirma é que provoca o encantamento, apaixonar-se é encontrar a si mesmo na diferença do outro, é viver o encanto que cria a unidade de ambas as consciências-de-si numa totalidade maior do que a soma das partes.

Por fim, considerando que a Fenomenologia intenciona ser mais do que uma questão de método e mais do que um exercício de pensamento antidialético, que o Existencialismo quer ser mais do que uma dispersão vaga e romântica para apreender a existência humana em sua grande complexidade; perguntamos: Por que não inserir conceitos, categorias e elementos filosóficos oriundos do sistema hegeliano? Tais como: simultaneidade (*die Gleichzeitigkeit*), realidade efetiva (*die Wirklichkeit*) e um Eu não solipsista, um Eu 'que é um nós. Por que falar em morte da Metafísica sem se quer pensar em outra possibilidade de construir um pensamento metafísico assentado em outra base? Sugerimos uma base não material ou relacional. E, enfim, sugerimos pensar o ente humano como ser-para-a-felicidade, uma vida feliz no interior da finitude da existência e não um ser-para-a-morte apenas como finitude existencial. Ousamos convidar a todos a reinventar a cada instante a paixão, a seguirmos apaixonados na vida e pela vida. E *se feliz se diz do homem que está em harmonia consigo mesmo*, busquemos apaixonadamente essa harmonia.

REFERÊNCIAS

- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Edição revisada, Vol. único. Petrópolis, Vozes, 2002.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosófica em Compêndio*. Vol. I – A Ciência da Lógica. Trad. Paulo Meneses. São Paulo, Loyola, 1995
- _____. *Lecciones sobre la Filosofía de la Historia Universal*. 5 ed., Madrid, Alianza Universidad, 1989.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis, Vozes, 1988.
- KOJÈVE, A. *La Idea de la Muerte en Hegel*. Buenos Aires. Editorial Leviatan, 1987.
- MENESES, P. *Para Ler a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo. Edições Loyola, 1985.

MERELAU-PONTY, M. *Sentido y Sinsentido*. Barcelona. Ediciones Península, 1977.

NOTAS

- 1 Merleau-Ponty, M. - Sentido y Sinsentido. pp.109, 110.
- 2 Hegel, G. W. F. - Fenomenologia do Espírito, §20, p.36.
- 3 Id., §65, p.65.
- 4 Id., §2, p.26.
- 5 Sugerimos, para uma compreensão mais aprofundada, a leitura de *Hegel como mestre do pensar*, in *Abordagens Hegelianas*, de Paulo Meneses, editora Vieira & Lente.
- 6 Hegel, G. W. F. - Op. Cit. §§ 143, 147, pp. 102, 104.
- 7 Heidegger, M. - Ser e Tempo. p. 58. (Para corroborar mais uma vez a perspectiva adotada por Merleau-Ponty, apresentada no início.)
- 8 Id. pp. 62, 63.
- 9 Ibid. p. 65.
- 10 Hegel, G. W. F. – Enciclopédia das Ciências Filosóficas. Vol. I – A Ciência da Lógica, § 131, p. 250.
- 11 Hegel, G. W. F. – Id., § 439, p.305.
- 12 Meneses, P. - Para Ler a Fenomenologia do Espírito. p. 55.
- 13 Hegel, G. W. F. - Fenomenologia do Espírito. § 177, p. 142.
- 14 Id., §311, p. 223.
- 15 Ibid. §351, p. 252.
- 16 Ibid. § 248, p. 184.
- 17 Id., p. 182.
- 18 Hegel, G. W. F. - Fenomenologia do Espírito, p. 119.
- 19 Hegel, G. W. F. – Fenomenologia do Espírito, §803, p.541.
- 20 Id., § 308, p.221.
- 21 Kojève, A. - La Idea de la Muerte en Hegel. p. 86.
- 22 Id. p.102.
- 23 Ibid. p. 119.
- 24 Hegel, G. W. F. – Fenomenologia do Espírito, § 32, p.44.
- 25 Hegel, G. W. F. - Lecciones sobre la Filosofia de la Historia Universal. p. 83.